

Gênero e sexualidade em debate na exposição Eroica/Erotica da Galeria Zagut

Gender and sexuality under debate at Zagut Gallery's Eroica/Erotica exhibition

DOI:10.34117/bjdv7n8-108

Recebimento dos originais: 06/07/2021

Aceitação para publicação: 06/08/2021

Carlos Vinicius da Silva Taveira

Doutor em literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio; Rio de Janeiro – RJ, Brasil

E-mail: carlosvtaveira@gmail.com

Isabela Ribeiro Simões de Castro

Doutor em Saúde Social pela UERJ; Rio de Janeiro – RJ, Brasil

E-mail: isabelasimoes@globo.com

Augusto Emilio Estellita Herkenhoff

Mestre em museologia pela UNIRIO; Rio de Janeiro – RJ, Brasil

E-mail: augustoherkenhoff@gmail.com

RESUMO

O presente relato buscou narrar uma experiência ocorrida na organização e efetivação da exposição “Eroica, Erotica, Universale”, desenvolvida na galeria Zagut no Rio de Janeiro, Brasil em Janeiro de 2021. A temática do evento que já havia aparecido em edições anteriores, criou nessa oportunidade uma potência única e a peculiaridade de gerar debates intensos entre os próprios artistas necessitando que abrissemos as conversas para um ambiente público na forma de montagem de um seminário mais amplo com convidados. Dito isto, como ponto central o “erótico” virou um eixo gerador de uma ampla conversa sobre o corpo/gênero e alguns de seus desdobramentos em questões sociais. A análise proposta dessa experiência investiga quais elementos do erótico podem ter sido capazes de desestabilizar as sensibilidades dos artistas criando fissuras e pontos de vistas distintos, associando o debate a demandas sociais externas que envolvem e atravessam o contexto cultural de contingenciamento provocado pelo isolamento social da pandemia e também o momento político do Brasil.

Palavras-Chave: Arte Contemporânea, Erótico, Cultura, Corpo e Gênero, Desconstrução.

ABSTRACT

The present report sought to narrate an experience that took place in the organization and realization of the exhibition “Eroica, Erotica, Universale”, developed at the Zagut gallery in Rio de Janeiro, Brazil in January 2021. The theme of the event that had already appeared in previous editions, created in this opportunity, a unique power and the peculiarity of generating intense debates among the artists themselves, requiring us to open conversations to a public environment in the form of setting up a broader seminar with guests. That said, as a central point, the “erotic” became an axis that generates a wide

conversation about the body / gender and some of its consequences on social issues. The proposed analysis of this experience investigates which elements of the erotic may have been able to destabilize the artists' sensibilities, creating fissures and different points of view, associating the debate with external social demands that involve and cross the cultural contingency context caused by the social isolation of the pandemic. and also the political moment in Brazil.

Keywords: Contemporary Art, Erotic, Culture, Body And Gender, Deconstruction.

1 INTRODUÇÃO

Esse relato de experiência busca analisar o contexto e as discussões que envolveram a exposição artística “Eroica erótica universale” que foi realizada virtualmente pelo Espaço Galeria Zagut no período de dez de janeiro a dez de fevereiro de 2021 em seu site de Internet e em suas redes sociais. O tema do erotismo como eixo e inspiração para produção artística e de exposição, já havia ocorrido anteriormente, mas sem a presença dos efeitos atingidos na última edição que pretendemos analisar e problematizar.

Destaquemos de início que os números de visitantes no site da galeria como o maior dos últimos sete meses, tendo também um bom resultado de visitas nas páginas do instagram e do youtube, onde foram compartilhados em forma de vídeos curtos de trinta segundos os trabalhos produzidos pelos artistas. Essas informações servem como prenúncio para salientar duas linhas de pensamento a priori: a primeira, o impacto e o interesse do público que o tema atrai, e segundo, o esforço de expandir em direção as redes virtuais em tempos de contingência social proporcionados pela pandemia.

Eros é um personagem mítico grego que pode ser interpretado modernamente o aproximando da idéia de desejo. Neste caso, praticamente, é impossível dissociarmos um debate do seu derivativo erótico sem pensarmos os desafios biopolíticos impostos aos corpos que o performam. E nesse ponto que pretendemos aproximar este relato de experiência dos desafios de pensarmos gênero e sexualidade, e artes e desaprendizagens tendo como material de estudo um caso de uma exposição específica em que o compartilhamento do material a ser exposto entre os próprios artistas abriu uma modificação na trajetória da exposição.

Um dos primeiros passos para realização de uma exposição é a criação de um grupo de conversa em um aplicativo contendo todos os artistas e os componentes da produção como forma de acelerarmos as trocas de informações. Também é uma prática

corriqueira e não obrigatória, que alguns artistas compartilhem seus trabalhos no grupo antes irem para a exposição oficial. Foi nesse dado momento que houve uma discordância e intenso debate no grupo como nunca percebido em nenhuma outra exposição anterior, inclusive com temáticas semelhantes, sobre diversas questões que envolviam os limites do erótico, e questões que o atravessam e que desembocam na relação corpo e gênero.

Cabe salientar que alguns artistas se sentiram desconfortáveis em participar da exposição desde o início devido ao tema de alguma maneira os causar algum tipo de incomodo. Porém, o foco desse relato circunda o que ocorreu após a publicação do trabalho de um artista que serviu de disparador de profundos debates, do surgimento de múltiplas questões e de um antagonismo maior entre visões sobre o fazer artístico e o papel que pode ser ocupado por Eros.

O trabalho mostrava um nu, mas o seu efeito em outros artistas foi o de promover o questionamento se seria algo pornográfico ou arte erótica. Houve uma polarização entre alguns membros do grupo e até a desistência de outros de participar na exibição. A exposição que ainda não havia sido apresentada ao publico, já era capaz de produzir conversas e saber no seu processo produção que exigia a necessidade de um seminário para um debate mais amplo. As questões iam se desdobrando umas em outras e os limites de uma conversa virtual estavam próximos do limite proporcionado pela tecnologia, pois a comunicação por mensagens imprimia a inevitabilidade de expressão somente por longos textos.

Assim posicionamos um primeiro problema a ser enfrentado sobre quais fronteiras existem entre a arte erótica e a pornografia e também qual a percepção que os indivíduos têm desses termos. Em seu famoso livro *O erotismo* o teórico francês George Bataille caracterizou o erotismo como um campo produtor de conhecimento. Mediante eros, uma experiência especificamente humana na visão do pensador, era capaz de ser transgressora e de romper limites, entre esses, do próprio conhecimento.

Porém Eros é um ser que também pode romper linguagens e provocar mudanças com a exigência de novas formas de expressão. Não eram somente obras artísticas, mas também conversas mais profundas que Eros estava inquirindo. Se havia uma expectativa dos organizadores que isso surgisse em um momento posterior a exposição finalizada, essa frustração abriu caminho para pensarmos a dimensão publica que o debate sobre Eros demanda no debate público da cultura.

O desenvolvimento da problemática aberta entre o grupo de artistas acabou gerando questões que atravessam os campos das artes e do gênero. Especificamente, isolo

nesse relato: o desafio em se saber os limites entre “Eros” e “Pornografia” e seu desdobramento sobre os “corpos” e questões políticas e culturais.

Existem perspectivas teóricas distintas sobre as fronteiras entre “arte” e “pornografia”: autores como Georges Batailles, e Roland Barthes posicionaram esses campos em esferas separadas, praticamente polarizadas. Em outra vertente Susan Sontag foi uma pensadora que nos anos setenta, propôs uma leitura analisando o pornográfico como algo que poderia ser da história da arte, desde que os critérios do que é esse “pornográfico” na produção narrativa fossem deslocados e criticados.

Isso significa dizer que o problema para a pensadora não está somente no pornográfico em si, mas sim, em como ele é feito. Deve se expandir a análise como um objeto de capaz de ser investigado em sua linguagem. A crítica incide diretamente no indústria de modo geral, e também em critérios que moldam as narrativas pornográficas como na lógica de cunho objetificador das mulheres e de outra de outros grupos minoritários.

Mais recentemente na década de noventa e no decorrer das primeiras do século XXI essa problemática foi recuperada e aprofundada no interior do debate das artes por diversos intelectuais. Podemos apontar o surgimento de grupos ligados ao chamado “pós-pornô” que dividem em diversas linhas e que buscam refundar o “pornográfico” sobre outras narrativas e outros suportes, retirando assim, o domínio heterossexual e patriarcal de um lado, e de outro, o domínio da indústria em dominar desejos e controlar todo um circuito de distribuição.

Intelectuais como Paul B. Preciado em sua tese de doutorado “Pornotopia” orientado por Jacques Derrida, investigou o universo da pornografia, ampliando seus limites em outras dimensões como seu impacto com as modernas tecnologias e também buscou criar uma emancipação dos corpos propondo diversas alternativas de burlar esse sistema. Com o livro “Manifesto Contrasexual” essas ideias são aprofundadas e servem de inspiração para toda uma produção artística diversa que discute o gênero de alguma maneira como nos campos da queer e outros.

2 METODOLOGIA

O conceito de “experiência interior” proposto por George Bataille e que pode ser aplicado ao erotismo ajuda a pensar os desafios de se tratar um tema de exposição que buscou levar ao grande público um determinado saber, mas que se encontrou, ela mesma, tendo que fazer desvios no decorrer do seu processo. As questões levantadas pelos artistas

necessitavam de um transbordamento da conversa para outros suportes, que não os tradicionais.

Não seria possível deixar que a fissura e os incômodos gerados pelo Erotismo ficassem somente em conversas de grupos, sendo decidido pela primeira vez na história da galeria a realização de um colóquio que contasse com a participação de professores, artistas, ou intelectuais que pudessem versar e propor uma discussão sobre o tema. O debate ganhou uma conotação de saber não mais da área de artes, mas sim, de domínio público.

No debate as questões ganharam outras linhas de pensamento, e contou com grande participação dos artistas que compunham a exposição. Foi problematizado múltiplas perspectivas de Eros, em confrontação com a possibilidade de diversos corpos. Experiências pessoais e afetivas foram compartilhadas e com isto tudo, podemos propor que a obra de arte não terminava em um objetivo artístico, mas sim, nos afetos sensíveis que causam.

3 RESULTADOS

Um relato de experiência é um desafio de ser realizado em sua própria natureza, pois necessita dobrar algo experienciado dentro do código de uma linguagem, e esta, negocia sempre com possíveis limitações em sua transmissibilidade. Nessa operação sabemos que guardamos algo na memória escrita, mas que podemos perder outras que escapam pelos interstícios da vivência humana. Na experiência da exposição Eroica, Erotica, Universale, saberes múltiplos foram produzidos afetando cada subjetividade.

Não estabelecemos uma forma científica de mensurar o impacto da exposição em quem teve algum tipo de diálogo diretamente com ela, mas devemos salvaguardar a existência de outros registros como a criação de mais 145 obras de artes, um catálogo com todo o material da exposição, duas horas e meia vernissage, e duas horas e quarenta e sete minutos de um seminário que contou com as participações Carlos Taveira, Sandra Macedo, Cristina Leal e Paulo Prospero, com a mediação de Isabela Simões.

Foi um total de seis vídeos e disponibilizados para domínio público na página da galeria do Youtube contendo todas as obras resultantes da exposição somando um total de uma hora e meia.

Por fim, devemos salientar memória guardada em conversas de aplicativos. Na segunda metade do século XX a arte contemporânea começou a aceitar outros objetos artísticos que destoavam dos tradicionais até então defendidos e bem classificados dentro

das belas artes. Cadernos de artistas; croquis de trabalhos; o espaço da coxia no teatro, e outros, ganharam espaço protagonismo. No caso da exposição efetuada, não são os resquícios de memórias de obras, ou secundários que restaram, mas também toda uma dimensão corporal que devemos investigar e considerar como essencial para compreendermos o impacto da exposição.

4 CONCLUSÃO

O presente relato contribui com o debate sobre arte, gênero e sexualidade como um testemunho dos desafios e necessidades de expandir o saber para um âmbito público e incorporar atravessamentos e contribuições de outros saberes. Se insere no domínio dos estudos sobre corporeidade tão marcantes na filosofia contemporânea e também em diálogo com o âmbito dos direitos individuais e de acesso a educação, sexualidade e cultura.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2. ed. Lisboa: Moraes, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. 11. ed. -. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- PLATÃO. *O banquete, ou, Do amor*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- SIMÕES, Isabela, HERKENHOFF, Augusto, TAVEIRA, Carlos; *Catálogo da exposição Eroica, Erótica, Universalle*. Rio de Janeiro: S/e. 2021.
- SONTAG, Susan. *A Imaginação Pornográfica*. In: *A vontade Radical*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.